




Gabriel Henrique Rocaikls RIBEIRO\*

 <https://orcid.org/0000-0002-3284-721X>


Amanda Vieira PALATA\*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-7363-1207>


Jussara Britto Batista GONÇALVES\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0003-3136-7932>


Jose Maria Pereira de GODOY\*\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-5424-7787>


Ueverton Rodrigues de SOUSA\*\*\*\*\*

 <https://orcid.org/0009-0006-2252-0850>


Fernando BATIGALIA\*\*\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0003-4099-2879>

Jean Donizete Silveira TALIARI\*\*\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-8931-9795>

Rogério Rodrigo RAMOS\*\*\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0003-1977-4172>

Recebido em: 23 de fevereiro de 2023.

Aprovado em: 11 de agosto de 2023.

## PREVALÊNCIA DO AUTOCONSUMO DE MEDICAMENTOS EM ALUNOS DE ENFERMAGEM EM UNIVERSIDADE DO NOROESTE PAULISTA\*

### RESUMO

A automedicação é uma prática realizada por qualquer pessoa que decide tomar medicamentos por conta própria e muitas vezes desconhece os riscos que isso pode acarretar à sua saúde. Outro ponto relevante é que, além desses fatores, essa prática é observada em estudantes dos cursos na área da saúde. Em razão das intoxicações e problemas de saúde que a automedicação pode causar, principalmente em estudantes da área da saúde, já que os acadêmicos são ensinados e doutrinados quanto aos efeitos dessa prática durante o curso de graduação, tomou-se como objetivo investigar a prevalência da automedicação dos alunos de enfermagem em uma universidade privada. A pesquisa é um estudo transversal com abordagem quantitativa. Para quantificar a investigação, foi aplicado um questionário contendo 11 questões em 103 alunos de enfermagem. Como resultado, o autoconsumo de medicamentos foi considerado uma opção para 93 estudantes de enfermagem, a maioria do sexo feminino, com idade entre 18 a 20 anos, com convênio médico e cientes de possíveis riscos à saúde, mesmo após acesso a bulas. O quadro clínico que precedeu a automedicação incluiu, principalmente, cefaleia, gripes/resfriados e dores musculares. Houve preferência por medicamentos já utilizados, especialmente, analgésicos, anti-inflamatórios, antigripais e relaxantes musculares. Conclui-se que os alunos de enfermagem serviram de exemplo para a sociedade, ao se tornarem profissionais da saúde, e espera-se que tenham capacidade de orientar e informar os pacientes sobre os riscos da automedicação e a importância de procurar um profissional qualificado.

**Palavras-chave:** Enfermagem. Estudantes de enfermagem. Automedicação. Riscos à saúde.

### PREVALENCE OF SELF-CONSUMPTION OF MEDICATION AMONG NURSING STUDENTS AT A UNIVERSITY IN NORTHWEST SÃO PAULO

#### ABSTRACT

Self-medication is a behavior carried out by anyone who decides to take medication independently and is often unaware of the potential risks to their health. Another relevant aspect is that, in addition to these factors, this behavior is observed among students in healthcare programs. In view of the poisoning and health problems that self-medication may cause, especially among healthcare students, since they are taught and instructed on the effects of this practice during their undergraduate course, this study aimed to investigate the prevalence of self-medication among nursing students at a private university. The research is a cross-sectional study with a quantitative approach. To quantify the research, an 11-question questionnaire was administered to 103 nursing students. As a result, self-medication was considered an option for 93 nursing students, the majority of whom were female, aged between 18 and 20, covered by medical insurance, and aware of possible health risks, even after accessing the directions. The clinical conditions that preceded self-medication mainly included headaches, colds/flu and muscle pain. There was a preference for medicines that had already been used, especially analgesics, anti-inflammatories, antipyretics, and muscle relaxants. It is concluded that nursing students have served as an example to society by becoming healthcare professionals, and they are expected to be able to guide and inform patients about the risks of self-medication and the importance of seeing a qualified professional.

**Keywords:** Nursing. Nursing students. Self-medication. Health risks.

\* Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP - Unifunec, e-mail: rocaikls200@gmail.com

\*\* Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP - Unifunec, e-mail: amanda\_palata@hotmail.com

\*\*\* Mestre, Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP - Unifunec, Doutoranda na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, e-mail: jsarabritto@gmail.com

\*\*\*\* Livre-Docente, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - Famerp, e-mail: godoyjmp@gmail.com

\*\*\*\*\* Doutor, Docente da Faculdade de Roseira - Faro, e-mail: prof.pinhate@gmail.com

\*\*\*\*\* Doutor, Docente da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - Famerp, e-mail: batigalia@famerp.br

\*\*\*\*\* Doutor, Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP - Unifunec e Universidade Brasil - UB, e-mail: jean.taliari@hotmail.com

\*\*\*\*\* Doutor, Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP - Unifunec, Faculdade de Roseira - Faro, e-mail: rogerio.enfer@gmail.com

\* Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP - Pibic/Unifunec



## 1 INTRODUÇÃO

O autoconsumo de medicamentos é uma prática comum na população em geral (PALODETO; FISCHER, 2018). Essa atividade tem levado a definição para a prática de tomar medicamentos por conta própria de acordo com seu conhecimento, inclusive, sem passar por consulta médica (TOGNOLI *et al.*, 2019; FETENSA *et al.*, 2021). De acordo com Behzadifar *et al.*, (2020), a automedicação se limita ao uso de um ou mais medicamentos de venda livre que não necessitam de prescrição médica.

Deve-se salientar que, quando uma pessoa decide fazer uso de medicamento sem receita médica, toma como referência sua própria consciência ou experiências anteriores, ou ainda, por meio de informações de terceiros sobre a eficácia do medicamento, e até mesmo à leitura ou novas informações do produto (GALÁN ANDRÉS *et al.*, 2021). Para Seam *et al.* (2018), esta condição também pode resultar de conselhos inadequados dos profissionais de saúde.

Essa prática muitas vezes traz resultados positivos, como alívio dos sintomas, porém, apresenta risco à saúde, já que seu uso pode ocultar doenças evolutivas, dependência, agravamento dos sintomas ou doença inicial, reações de hipersensibilidade, doenças iatrogênicas, entre outras (GAMA; SECOLI, 2017).

Segundo Ateshim *et al.* (2019), a automedicação inadequada pode levar a um atraso no diagnóstico de um grave problema de saúde, prejudicando a saúde, com efeitos colaterais, além de agravar o quadro do paciente. Desse modo, tais considerações apontam que os principais problemas associados à automedicação incluem reações adversas, resistência ao princípio ativo dos medicamentos, desperdício de recursos e sérios riscos à saúde, como a morte (KASSIE; BIFFTU; MEKONNEN, 2018; BEHZADIFAR *et al.*, 2020). E ainda em relação a esta situação, o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) mostra a evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico. Assim, em 2017, o SINITOX mostra 20.637 casos de intoxicação medicamentosa no Brasil, desses dados, são evidenciados 50 casos de óbito, além disso, 750 casos de pacientes com cura não confirmada e 2 casos de sequelas (MINISTÉRIO DA SAÚDE *et al.*, 2020). É evidente que esses problemas despertam enorme preocupação em toda a população, exigindo uma estratégia de uma nova educação para melhorar a prática da medicação sem prescrição médica.

Essa prática é um dos problemas de saúde em muitos países, incluindo o Brasil (JANATOLMAKAN *et al.*, 2022; LEITE *et al.*, 2022). Um exemplo claro disso são as questões socioeconômicas, sendo assim, pessoas com baixíssimo nível de escolaridade, conhecimento e

renda básica, não conseguem pagar uma consulta médica e um tratamento adequado (ABDI *et al.*, 2018).

Outro ponto, refere-se à prevalência da automedicação que tem aumentado vertiginosamente, pois as evidências apontam que, aproximadamente, 80% dos medicamentos podem ser adquiridos sem receita (FEREIDOUNI; NAJAFI KALYANI, 2019). Observando esses aspectos, pode-se considerar que a prática do autoconsumo de medicamentos é um problema mundial, essencialmente, para pessoas que possuem fácil acesso e familiaridade com medicamentos, principalmente, estudantes universitários (ESAN *et al.*, 2018; FEKADU *et al.*, 2020). Devido a este último fator, as evidências sugerem que a prevalência da automedicação é relativamente alta entre estudantes na área da saúde (PALODETO; FISCHER, 2018; JANATOLMAKAN *et al.*, 2022).

Desse modo, a utilização de medicamentos está aumentando entre os universitários, e a probabilidade de se automedicar é maior entre os estudantes de enfermagem devido ao fácil acesso às fontes de informação e conhecimentos adquiridos (ELDEN *et al.*, 2020), seja com *feedback* direto com professores ou durante o ensino teórico-prático, especialmente, em farmacologia.

Destaca-se que a prática da automedicação entre estudantes da área da saúde é considerada um importante problema de saúde pública, uma vez que o uso indiscriminado de medicamentos pode influenciar indiretamente nas práticas de administração de medicamentos e afetar a segurança do paciente. Assim, o uso seguro de medicamentos é fundamental na atuação do enfermeiro, principalmente, na educação sobre riscos à saúde (GAMA; SECOLI, 2017).

Em razão ao contexto, estudar as práticas de automedicação entre os universitários é importante, visto que os estudantes são uma parte educada da comunidade e acredita-se que possam orientar a população quanto às consequências da prática do autoconsumo de medicamentos (FETENSA *et al.*, 2021). Diante disso, estudos sobre a prática da automedicação podem conceder o reconhecimento da necessidade de educação em saúde e implementação de intervenções educativas durante a graduação. Portanto, este estudo tem como objetivo investigar a prevalência da automedicação dos alunos de enfermagem.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa é um estudo transversal, com abordagem qualitativa e quantitativa de natureza descritiva, realizada com o auxílio de um questionário contendo 11 questões. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Santa Fé do Sul (Unifunec) sob o parecer 4.895.175 e CAAE: 47401221.0.0000.5428. Participaram 103 alunos de enfermagem do Unifunec, Campus II de Santa Fé do Sul / SP.

Os critérios de inclusão, foram alunos maiores de 18 anos, matriculados e cursando do primeiro ao nono semestre. Já os critérios de exclusão são os alunos que não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), portadores de doença crônica ou aguda que viabiliza a utilização de prescrição médica para o tratamento.

Houve a aplicação de um questionário de múltipla escolha gerado pelo Google Forms. O link foi enviado aos grupos de WhatsApp do curso de enfermagem, contendo o TCLE e 11 questões, adaptado de Servidoni *et al.* (2006) e Santos e Coutinho (2010). Foram consideradas no questionário: 1º idade; 2º sexo; 3º período do curso; 4º formação anterior; 5º convênio médico; utilização de automedicação e detalhes associados; 6º já usou algum medicamento sem prescrição médica; 7º quando a orientação é própria, é fundamentada em; 8º Por que você já realizou automedicação; 9º frequência na realização da leitura da bula antes da automedicação; 10º Medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos e 11º Sintomas que levaram a automedicação dos estudantes, realizado no período de fevereiro a dezembro de 2022.

Os dados foram extraídos usando o formulário de planilha do Microsoft Excel. A análise estatística foi realizada por meio do teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis ao nível de 5%, pelo programa IBM Software SPSS Statistics versão 23.

## 3 RESULTADOS

As amostras envolveram 103 estudantes do primeiro ao nono semestre do curso de enfermagem do Unifunec, sendo 31 (30,1%) do 1º semestre, 2 (1,94%) do 2º semestre, 31 (30,1%) do 3º semestre, 13 (12,62%) do 5º semestre, 16 (15,53%) do 7º semestre, 5 (4,85%) do 9º semestre. Desses estudantes, 90 (87,4%) eram estudantes do sexo feminino e 13 (12,6%) do sexo masculino. O predomínio da faixa etária foi entre 18 a 20 anos com 52 (50,49%) estudantes (Tabela 1).

Tabela 1 - Características epidemiológicas dos estudantes  
(valores absolutos e relativos)

Informações	N	%
<b>Idade</b>		
18 a 20 anos	52	50,49
21 a 23 anos	24	23,30
24 a 26 anos	10	9,71
27 a 30 anos	5	4,85
> 30 anos	12	11,65
<b>Sexo</b>		
Feminino	90	87,38
Masculino	13	12,62
<b>Período do Curso</b>		
1º Semestre	31	30,10
2º Semestre	2	1,94
3º Semestre	31	30,10
5º Semestre	13	12,62
7º Semestre	16	15,53
9º Semestre	5	4,85
Missing	5	4,85

Fonte: Dos próprios autores.

Com relação à conduta dos participantes frente ao uso de medicamentos sem prescrição médica (Tabela 2), verificou-se que 93 estudantes já realizaram a automedicação, sendo que 68 (66,02%) estudantes têm o hábito do autoconsumo de medicamentos sem prescrição médica (medicamentos para os quais não é obrigatória a apresentação de receita médica) e 25 (24,27%) estudantes com o mesmo hábito, porém, sendo necessária a apresentação de receita médica para o consumo. Apenas 10 participantes (9,71%) da pesquisa responderam nunca ter utilizado medicações sem prescrição médica.

Em relação ao sexo dos estudantes, os resultados foram: nunca utilizou medicamento sem prescrição, feminino 10 (100%). Que fizeram o uso, porém não precisavam de prescrição médica para comprar, feminino 58 (85,29%) e masculino 10 (14,71%). Os que usaram mesmo precisando de prescrição médica para comprar, feminino 22 (88%) e masculino 3 (12%). Entre os estudantes que utilizaram a medicação sem necessidade de prescrição médica, sendo 23 alunos (33,82%) no 1º semestre, 1 (1,47%) no 2º semestre, 21 (30,88%) no 3º semestre, 8

(11,76%) no 5º semestre, 9 (13,24%) no 7º semestre e 3 alunos (4,41%) no 9º semestre. Agora, quem já usou, mesmo precisando de prescrição médica para comprar: 4 alunos (16%) 1º semestre, 9 (36%) no 3º semestre, 3 (12%) no 5º semestre, 5 (20%) no 7º semestre e 2 alunos no 9º semestre (Tabela 2).

Tabela 2 - Cruzamento dos dados se já usaram medicamento sem prescrição médica com características epidemiológicas dos estudantes

Informações	Total		Não		Sim [XY]		Sim [XW]		Valor P
	N	%	N	%	N	%	N	%	
	<b>103</b>	<b>100,00</b>	<b>10</b>	<b>9,71</b>	<b>68</b>	<b>66,02</b>	<b>25</b>	<b>24,27</b>	
<b>Idade</b>									
18 a 20 anos	52	50,49	4	40,00	36	52,94	12	48,00	0,916
21 a 23 anos	24	23,30	4	40,00	14	20,59	6	24,00	
24 a 26 anos	10	9,71	1	10,00	6	8,82	3	12,00	
27 a 30 anos	5	4,85	0	0,00	4	5,88	1	4,00	
> 30 anos	12	11,65	1	10,00	8	11,76	3	12,00	
<b>Sexo</b>									
Feminino	90	87,38	10	100,00	58	85,29	22	88,00	0,426
Masculino	13	12,62	0	0,00	10	14,71	3	12,00	
<b>Período do Curso</b>									
1º Semestre	31	30,10	4	40,00	23	33,82	4	16,00	0,222
2º Semestre	2	1,94	1	10,00	1	1,47	0	0,00	
3º Semestre	31	30,10	1	10,00	21	30,88	9	36,00	
5º Semestre	13	12,62	2	20,00	8	11,76	3	12,00	
7º Semestre	16	15,53	2	20,00	9	13,24	5	20,00	
9º Semestre	5	4,85	0	0,00	3	4,41	2	8,00	
Missing	5	4,85	0	0,00	3	4,41	2	8,00	

Fonte: Dos próprios autores. *p* – Nível de significância obtido pelo teste de Kruskal-Wallis. **Legenda:** (SIM [XY]) sim, mas não havia necessidade da apresentação obrigatória da prescrição médica para comprar; (SIM [XW]) sim, mesmo sendo necessária a apresentação obrigatória da prescrição médica para realização do uso.

Na Tabela 3, é possível observar os motivos por que os estudantes de enfermagem realizaram a automedicação, no qual incluiu já ter resolvido o problema de familiares ou amigos (10,68%), ter conhecimento sobre o fármaco (36,89%), ter usado outras vezes e resolvido o problema (48,54%).

Tabela 3 - Motivos para autoconsumo de medicamentos.

<i>Quando a orientação é própria, é fundamentada em:</i>											<i>Valor P</i>
<i>Informações</i>	<i>Total</i>		<i>XA</i>		<i>XB</i>		<i>XC</i>		<i>Missing</i>		
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	
	<b>103</b>	<b>100,00</b>	<b>11</b>	<b>10,68</b>	<b>38</b>	<b>36,89</b>	<b>50</b>	<b>48,54</b>	<b>4</b>	<b>3,88</b>	
<b>Idade</b>											<b>0,777</b>
18 a 20 anos	52	50,49	6	54,55	17	44,74	27	54,00	2	50,00	
21 a 23 anos	24	23,30	0	0,00	10	26,32	12	24,00	2	50,00	
24 a 26 anos	10	9,71	3	27,27	5	13,16	2	4,00	0	0,00	
27 a 30 anos	5	4,85	0	0,00	3	7,89	2	4,00	0	0,00	
> 30 anos	12	11,65	2	18,18	3	7,89	7	14,00	0	0,00	
<b>Período do Curso</b>											<b>0,020</b>
1º Semestre	31	30,10	5	45,45	9	23,68	16	32,00	1	25,00	
2º Semestre	2	1,94	0	0,00	0	0,00	2	4,00	0	0,00	
3º Semestre	31	30,10	4	36,36	9	23,68	18	36,00	0	0,00	
5º Semestre	13	12,62	1	9,09	8	21,05	3	6,00	1	25,00	
7º Semestre	16	15,53	0	0,00	7	18,42	8	16,00	1	25,00	
9º Semestre	5	4,85	0	0,00	4	10,53	0	0,00	1	25,00	
Missing	5	4,85	1	9,09	1	2,63	3	6,00	0	0,00	

Fonte: Dos próprios autores. *p* – Nível de significância obtido pelo teste de Kruskal-Wallis. **Legenda:** (XA) já ter resolvido o problema de algum familiar ou amigo; (XB) ter conhecimento sobre o fármaco usado; (XC) ter usado outras vezes e resolvido o problema.

Os motivos pelos quais os estudantes realizam a automedicação são: achar que não têm necessidade de ir ao médico 70 (67,96%), entre esses, 40% possuem convênio. Outros relatam usar por influência de familiares ou amigos 10 (9,71%), entre esses 70% possuem convênio. Alguns alunos não gostam de ir ao médico 7 (6,80%), entre esses 42,86% possuem convênio médico, uns relatam não ter tempo de ir 11 (10,68%), entre esses 27,27% possuem convênio médico, já alguns têm dificuldade para conseguir atendimento 2 (1,94%), entre esses nenhum possui convênio médico (Tabela 4).

Tabela 4 - Razões para a prática da automedicação

<i>Por que você já realizou automedicação?</i>															<i>Valor P</i>
<i>Informações</i>	<i>Total</i>		<i>XD</i>		<i>XE</i>		<i>XF</i>		<i>XG</i>		<i>XH</i>		<i>Missing</i>		
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	
	<b>103</b>	<b>100,00</b>	<b>70</b>	<b>67,96</b>	<b>10</b>	<b>9,71</b>	<b>7</b>	<b>6,80</b>	<b>11</b>	<b>10,68</b>	<b>2</b>	<b>1,94</b>	<b>3</b>	<b>2,91</b>	
<b>Idade</b>															<b>0,035</b>
18 a 20 anos	52	50,49	35	50,00	7	70,00	5	71,43	2	18,18	1	50,00	2	66,67	
21 a 23 anos	24	23,30	18	25,71	2	20,00	1	14,29	2	18,18	0	0,00	1	33,33	
24 a 26 anos	10	9,71	6	8,57	0	0,00	1	14,29	2	18,18	1	50,00	0	0,00	
27 a 30 anos	5	4,85	4	5,71	0	0,00	0	0,00	1	9,09	0	0,00	0	0,00	
> 30 anos	12	11,65	7	10,00	1	10,00	0	0,00	4	36,36	0	0,00	0	0,00	
<b>Período do Curso</b>															<b>0,879</b>
1º Semestre	31	30,10	20	28,57	2	20,00	3	42,86	4	36,36	1	50,00	1	33,33	
2º Semestre	2	1,94	2	2,86	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	
3º Semestre	31	30,10	23	32,86	4	40,00	2	28,57	1	9,09	1	50,00	0	0,00	
5º Semestre	13	12,62	8	11,43	3	30,00	0	0,00	1	9,09	0	0,00	1	33,33	
7º Semestre	16	15,53	11	15,71	1	10,00	1	14,29	3	27,27	0	0,00	0	0,00	
9º Semestre	5	4,85	3	4,29	0	0,00	1	14,29	1	9,09	0	0,00	0	0,00	
Missing	5	4,85	3	4,29	0	0,00	0	0,00	1	9,09	0	0,00	1	33,33	
<b>Convênio médico?</b>															<b>0,222</b>
Não	60	58,25	42	60,00	3	30,00	4	57,14	8	72,73	2	100,00	1	33,33	
Sim	43	41,75	28	40,00	7	70,00	3	42,86	3	27,27	0	0,00	2	66,67	

Fonte: Dos próprios autores. *p* – Nível de significância obtido pelo teste de Kruskal-Wallis. **Legenda:** (XD) achou que não tinha necessidade de recorrer ao médico; (XE) influência de familiares ou amigos; (XF) não gosta de ir ao médico; (XG) por não ter tempo para ir ao médico; (XH) tem dificuldade para conseguir atendimento.

Na Tabela 5, o cruzamento descritivo foi mais significativo em razão de mostrar que os acadêmicos em semestres mais avançados do curso possuem maior responsabilidade na leitura da bula antes da automedicação. Assim como os alunos que relataram possuir formação anterior.

Tabela 5 - Frequência na realização da leitura da bula antes da automedicação

<i>Você costuma fazer leitura da Bula do remédio antes de automedicar-se?</i>												<i>Valor P</i>
<i>Informações</i>	<i>Total</i>		<i>Às vezes</i>		<i>Nunca</i>		<i>Raramente</i>		<i>Sempre</i>			
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>		
	<b>103</b>	<b>100,00</b>	<b>48</b>	<b>46,60</b>	<b>15</b>	<b>14,56</b>	<b>17</b>	<b>16,50</b>	<b>23</b>	<b>22,33</b>		
<b>Idade</b>												<b>0,006</b>
18 a 20 anos	52	50,49	28	58,33	9	60,00	10	58,82	5	21,74		
21 a 23 anos	24	23,30	9	18,75	5	33,33	4	23,53	6	26,09		
24 a 26 anos	10	9,71	3	6,25	1	6,67	2	11,76	4	17,39		
27 a 30 anos	5	4,85	2	4,17	0	0,00	0	0,00	3	13,04		
> 30 anos	12	11,65	6	12,50	0	0,00	1	5,88	5	21,74		
<b>Período do Curso</b>												<b>0,058</b>
1º Semestre	31	30,10	21	43,75	3	20,00	3	17,65	4	17,39		

2º Semestre	2	1,94	0	0,00	0	0,00	2	11,76	0	0,00	
3º Semestre	31	30,10	11	22,92	7	46,67	6	35,29	7	30,43	
5º Semestre	13	12,62	6	12,50	0	0,00	3	17,65	4	17,39	
7º Semestre	16	15,53	7	14,58	3	20,00	0	0,00	6	26,09	
9º Semestre	5	4,85	1	2,08	2	13,33	0	0,00	2	8,70	
Missing	5	4,85	2	4,17	0	0,00	3	17,65	0	0,00	
<b>Formação anterior</b>											
Enfermagem	4	3,88	2	4,17	0	0,00	1	5,88	1	4,35	0,004
Fisioterapia	1	0,97	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	4,35	
Publicidade	1	0,97	0	0,00	0	0,00	1	5,88	0	0,00	
TE	5	4,85	2	4,17	0	0,00	0	0,00	3	13,04	
TA	1	0,97	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	4,35	
Outro Curso	9	8,74	3	6,25	1	6,67	0	0,00	5	21,74	
Não possui	82	79,61	41	85,42	14	93,33	15	88,24	12	52,17	

Fonte: Dos próprios autores. *p* – Nível de significância obtido pelo teste de Kruskal-Wallis.

**Legenda:** (TE) técnico em enfermagem; (TA) técnico em administração;

A Tabela 6 informa os medicamentos mais utilizados pelos estudantes de enfermagem na automedicação, entre eles estão os analgésicos (12,27%), anti-inflamatórios (11,54%), antigripais (9,38%), relaxante muscular (8,66%) e xaropes para tosse (8,37%).

Tabela 6 - Medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos

Informações	N	%
	693	100,00
Analgésico	85	12,27%
Anti-inflamatório	80	11,54%
Antigripais	65	9,38%
Relaxante muscular	60	8,66%
Xaropes para tosse	58	8,37%
Ansiolíticos/Antidepressivos/tratamento insônia	51	7,36%
Antialérgicos/Anti-histamínicos	48	6,93%
Antibiótico	39	5,63%
Contraceptivos orais	38	5,48%
Vitaminas e suplementos	37	5,34%
Descongestionantes/Vasoconstritores Nasais	31	4,47%
Antitérmico	30	4,33%
Antiácido	13	1,88%
Gotas otológicas	11	1,59%
Corticoides nasais	10	1,44%
Laxantes	10	1,44%
Contra flatulência	6	0,87%
Corticoides sistêmicos	6	0,87%
Antiasmáticos	5	0,72%
Anti-helmínticos	5	0,72%
Antidiarreicos	4	0,58%
Estimulantes SNC	1	0,14%

Fonte: Dos próprios autores.

Ao serem questionados sobre os sintomas que os levaram à prática, obtiveram-se as seguintes informações: 97(12,63%) dos alunos relataram dor de cabeça, 82(10,68%) gripes/resfriados, 77 (10,03%) dores musculares e 71(9,24%) febre (Tabela 7).

Tabela 7 - Sintomas que levaram à automedicação dos estudantes

<i>Informações</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
	<b>768</b>	<b>100,00</b>
Dor de cabeça	97	12,63%
Gripes/Resfriados	82	10,68%
Dores musculares	77	10,03%
Febre	71	9,24%
Dor de estômago	67	8,72%
Alergias	55	7,16%
Inflamações/infecções de garganta	45	5,86%
Náuseas	41	5,34%
Rinite	36	4,69%
Dor de dente	35	4,56%
Sinusite	35	4,56%
Ansiedade/depressão/insônia	33	4,30%
Dor intestinal	25	3,26%
Inflamações/infecções de ouvido	18	2,34%
Refluxo	18	2,34%
Lesões de pele	18	2,34%
Dificuldade de se concentrar nos estudos	12	1,56%
Doenças pulmonares	3	0,39%

Fonte: Dos próprios autores.

#### 4 DISCUSSÃO

Ao considerar essa perspectiva, é importante enfatizar como o Google Forms, alimentado com o questionário de automedicação, foi disponibilizado para 150 estudantes de enfermagem, por meio do aplicativo WhatsApp®, que, na época, era considerado um instrumento digital de fácil preenchimento. Porém, esse plano não foi atraente e acredita-se estar relacionado a um número excessivo de perguntas (BOHOMOL; ANDRADE, 2020). Apesar do convite e mais dois lembretes enviados aos grupos de enfermagem, levantou-se a hipótese de que o primeiro poderia aceitá-lo, mas poucos alunos aderiram ao convite e ao primeiro lembrete, sendo necessário o envio do segundo lembrete, assim, 115 alunos responderam ao questionário e apenas 103 foram incluídos, os outros foram excluídos devido aos critérios do estudo.

Em relação aos dados epidemiológicos da Tabela 1, a prevalência foi do sexo feminino com 87,38%, a faixa etária foi de 18 a 20 anos com 50,49%, pertencentes ao 1º e 3º semestre.

Diante dos resultados obtidos, observa-se na Tabela 2 que a automedicação é frequente entre os estudantes de enfermagem do Unifunec, independentemente do semestre cursado. Segundo Gama e Secoli (2017), a prática da automedicação entre estudantes da área da saúde é um problema de saúde pública, devido à sua relevância epidemiológica e impacto negativo.

A automedicação mostrou-se indubitável em 90,29% (93 estudantes), evidenciando um grande número de alunos que a praticam (Tabela 2). Para confirmar esses dados, destaca-se o estudo realizado em outras instituições de ensino superior em que se obteve 99,2% de acadêmicos praticando a automedicação (BOHOMOL; ANDRADE, 2020). É importante ressaltar que, entre esses alunos, 66,02% responderam não ser necessário apresentar receita médica para comprar o medicamento.

Salienta-se que o motivo de 48,54% dos acadêmicos realizarem a prática se deve ao fato de já terem realizado outras vezes e resolvido o problema (Tabela 3). Ressalta-se a importância de evitar o uso de medicamentos por conta própria, tendo em vista que essa prática fomenta eventos adversos à saúde. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária alerta as pessoas a não relacionarem sintomas antigos ou semelhantes de parentes com os atuais, enfatizando que o medicamento que já foi eficaz pode ser prejudicial sem a orientação de um profissional de saúde (ANVISA, 2020).

Evidencia-se que 41,75% dos acadêmicos possuem convênio médico (Tabela 4). Diante do exposto, é entendível que, o plano de saúde, que poderia contribuir para um fácil e rápido acesso com um profissional habilitado, não interfere na prática de automedicação entre os discentes de enfermagem. Nessa Tabela é possível observar o cruzamento das idades dos alunos com a questão, por que você já realizou automedicação? Assim, a análise estatística mostrou-se significativa ( $p < 0,05$ ).

Outro ponto relevante é a relação apresentada entre a prática de realizar a leitura da bula e o ano de graduação dos discentes (Tabela 5), mostrando que, a partir do 3º semestre, os alunos possuem maior responsabilidade em realizar a leitura. Diante desta informação, foi observado que a matéria de farmacologia é iniciada no 3º semestre de acordo com a grade curricular do curso de Enfermagem do Unifunec, correlacionando o motivo de haver interesse dos acadêmicos em sempre realizar a leitura da bula. Ainda na mesma Tabela, observou-se que os alunos que possuem formação anterior também realizam a leitura da bula, reforçando que,

quanto maior o conhecimento, mais informações os alunos buscam sobre os fármacos. Nessa análise, o valor ( $p < 0.05$ ) mostrou uma diferença significativa.

As classes medicamentosas mais relevantes foram o analgésico ( $n=85$ ) e o anti-inflamatório ( $n=80$ ) com diferença de 0,73% (Tabela 6). Seguido por antigripais ( $n=65$ ), relaxante muscular ( $n=60$ ) e xaropes para tosse ( $n=58$ ). Salienta-se que, no questionário, os acadêmicos podiam informar mais de um medicamento, resultando um total de 693 combinações de medicamentos.

Destacam-se os sintomas que ocasionaram o uso indiscriminado de medicamentos, que vão desde uma simples dor de cabeça até doenças pulmonares. Sendo assim, os principais motivos da prática foram dores de cabeça ( $n=97$ ), gripes/resfriados ( $n=82$ ), dores musculares ( $n=77$ ), febre ( $n=71$ ) e dor de estômago ( $n=67$ ) (Tabela 7). Ressalta-se que, no questionário, os acadêmicos podiam informar mais de um sintoma, resultando um total de 768 combinações de sintomas. Diante do exposto, estudos realizados com estudantes de enfermagem apontaram as mesmas classes de medicamentos e sintomas como os principais na prática da automedicação (NOGUEIRA *et al.*, 2019).

O hábito da automedicação foi constatado no curso de enfermagem, o que sugere a implementação de uma proposta pedagógica educativa sobre automedicação na grade curricular (TOGNOLI *et al.*, 2019) dos cursos de graduação em enfermagem, com o objetivo de diminuir esse ato e formar profissionais cada vez mais qualificados.

## 5 CONCLUSÃO

A prática do uso indiscriminado de medicamentos é prevalente entre os acadêmicos de enfermagem. É de extrema importância ressaltar a responsabilidade dos acadêmicos durante o curso em ler a bula, mostrando seu interesse em aprofundar seus conhecimentos cognitivos sobre os medicamentos. Fica evidente que as classes medicamentosas mais utilizadas são condizentes com os sintomas relatados pelos alunos, reforçando o conhecimento sobre as drogas e também uma preocupação sobre como estão utilizando o próprio aprendizado para se automedicar.

Conclui-se que a universidade tem um papel importante na vida dos acadêmicos, haja vista a necessidade de orientação e conscientização sobre automedicação e riscos à saúde durante a graduação.

## REFERÊNCIAS

ABDI, A. *et al.* Prevalence of self-medication practice among health sciences students in Kermanshah, Iran. **BMC Pharmacol Toxicol.** v.19, n.36, p.1-7, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40360-018-0231-4>. Acesso em: 28 maio 2023.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Uso racional de medicamentos: um alerta a população.** ANVISA. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/uso-racional-de-medicamentos-um-alerta-a-populacao>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ATESHIM, Y. *et al.* Prevalence of self-medication with antibiotics and associated factors in the community of Asmara, Eritrea: a descriptive cross sectional survey. **BMC Public Health.** v.19, n.726, p.1-7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7020-x>. Acesso em: 28 maio 2023.

BEHZADIFAR, M. *et al.* Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. **East Mediterr Health J.** v.26, n.7, p.846-857, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26719/emhj.20.052>. Acesso em: 29 maio 2023.

BOHOMOL, E.; ANDRADE, C. M. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. **Ciência Cuidado e Saúde,** v.19, p.e48001, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v19i0.48001>. Acesso em: 03 nov. 2022.

ELDEN, N. M. K. *et al.* Risk factors of antibiotics self-medication practices among university students in Cairo, Egypt. **Open Access Macedonian Journal of Medical Sciences.** v.8, n.E, p.7-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3889/oamjms.2020.3323>. Acesso em: 27 maio 2023.

ESAN, D. T. *et al.* Assessment of self-medication practices and its associated factors among undergraduates of a private university in Nigeria. **J Environ Public Health.** v. 2018, Article ID 5439079, p. 7, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2018/5439079>. Acesso em: 01 ago 2023.

FEKADU, G. *et al.* Self-medication practices and associated factors among health-care professionals in selected hospitals of Western Ethiopia. **Patient Prefer Adherence.** v.14, p.353-361, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.2147/PPA.S244163>. Acesso em: 25 maio 2023.

FEREIDOUNI, Z.; NAJAFI KALYANI, M. A model to explain self-medication by Iranian people: a qualitative grounded theory study. **BMC Public Health.** v.19, n.1, p.1609, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7953-0>. Acesso em: 28 maio 2023.

FETENSA, G. *et al.* Prevalence and predictors of self-medication among university students in Ethiopia: a systematic review and meta-analysis. **J Pharm Policy Pract.** v.14, n.1, p.107, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40545-021-00391-y>. Acesso em: 27 maio 2023.

GALÁN ANDRÉS, M. I. *et al.* Self-medication of drugs in nursing students from Castile and Leon (Spain). **Int J Environ Res Public Health**. v.18, n.4, p.1498, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18041498>. Acesso em: 26 maio 2023.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Self-medication among nursing students in the state of Amazonas - Brazil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. v.38, n.1, p.e65111, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>. Acesso em: 25 abril. 2022.

JANATOLMAKAN, M. *et al.* The reasons for self-medication from the perspective of Iranian nursing students: a qualitative study. **Nurs Res Pract**. v.2022, n2960768, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2022/2960768>. Acesso em: 26 maio 2023.

KASSIE, A. D.; BIFFTU, B. B.; MEKONNEN, H. S. Self-medication practice and associated factors among adult household members in Meket district, Northeast Ethiopia, 2017. **BMC Pharmacol Toxicol**. v.19, n.1, p.15, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40360-018-0205-6>. Acesso em: 29 maio 2023.

LEITE, B. O. *et al.* Medication use among quilombola and non-quilombola rural adolescents in the countryside of Bahia, Brazil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.27, n.3, p.1073-1086, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.02942020>. Acesso em: 28 maio 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE; Fundação Oswaldo Cruz; Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas - Evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico**. Brasil, 2017. SINITOX, dados atualizados em 2020. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acesso em: 8 ago. 2023.

NOGUEIRA, W. B. *et al.* Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 13, n. 2, p. 363-370, fev. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i2a238096p363-370-2019>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PALODETO, M. F. T.; FISCHER, M. L. Representation of the medication under the bioethics perspectives. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.27, n.1, p.252-67, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018170831>. Acesso em: 12 maio 2022.

SANTOS, D. P.; COUTINHO, G. C. **Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos da Associação Educacional de Vitória**. Brasília. 2010. 43 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem) - Associação Educacional de Vitória, Unidade de Conhecimento em Ciências Médicas e Saúde, Vitória, Espírito Santo. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12813339/avaliacao-da-pratica-da-automedicacao-em->. Acesso em: 05 maio 2022.

SEAM, M. O. R. *et al.* Assessing the perceptions and practice of self-medication among Bangladeshi undergraduate pharmacy students. **Pharmacy (Basel)**. v.6, n.1, p.6, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/pharmacy6010006>. Acesso em: 28 maio 2023.

SERVIDONI, A. B. *et al.* Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v.72, n.1, p.83-88, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-72992006000100013>. Acesso em: 05 maio 2022.

TOGNOLI, T. A. *et al.* Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis - São Paulo. **J. Health Biol. Sci.** v.7, n.4, p.382-386, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2571.p382-386.2019>. Acesso em: 28 maio 2023.